

Peace
Process

EXCOMUNGAR

por Almiro Santos

Dom.
2/5/92

1. Virtualmente sóbrios para esperar de Roma mais do que devem esperar, os moçambicanos acreditam, contudo, que o encontro que o Presidente Joaquim Chissano vai manter na capital italiana com o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, pode preencher um vazio que compense a morosidade de um processo que desde sempre se caracterizou por regateios e ofertas de paz.

É essa vacuidade, desde sempre despreenchida, que faz dos moçambicanos um grupo-mosaico de sentimentos. Optimisticamente esperançosos e pessimisticamente desesperados. Afinal são as duas vertentes que se nos dão para este encontro de Roma, a "Cidade Eterna".

2. Se tecnicamente é impossível sair deste encontro um acordo de cessar-fogo, moralmente talvez não o seja. Basta olhar para a trajectória diplomática que antecedeu a preparação desta cimeira, que levou o líder da Renamo a Gaborone. Talvez haja alguma legitimidade para sustentar um pensamento optimista, nem que seja pela perspectiva que nos deixou a aparente boa-vontade manifestada por Dhlakama, no encontro com o Presidente zimbabwéano, Robert Mugabe, em Gaborone.

3. Robert Mugabe regressa, assim, ao incomensurável processo de paz moçambicano. O Presidente zimbabwéano foi, de parceria com o seu homólogo queniano, Daniel Arap Moi, o primeiro mediador da "questão moçambicana", às tantas transformado numa espinha atravessada na região da África Austral, principalmente devido à obstaculizada utilização de portos moçambicanos por países do "interland". O envolvimento de Robert Mugabe no processo de paz para Moçambique, já não se circunscreve no rabiscado quadro de irmandade - quão somente isso - mas nos próprios interesses superiores do Zimbabwe, tanto económicos como políticos.

4. O Presidente Joaquim Chissano tem motivos para estar optimista quanto à sua deslocação para Roma. Afirmou, e reafirmou, que só se encontraria com Afonso Dhlakama se esse encontro produzisse mais do que um aperto de mãos, caloroso ou não. Neste momento, as últimas informações de Roma confirmam o facto de as discussões técnicas das matérias referentes ao cessar-fogo ainda não terem produzido nada consistente, o que pode justificar essa impossibilidade de acordo. Se um acordo de cessar-fogo fosse alcançado nestas condições, saltariam à vista duas conclusões: A primeira, que existiu boa-vontade de ambas as partes, e, sendo assim, todos desejaríamos que essa boa-vontade continuasse a existir no período do pós-cessar-fogo, para que não passe de um "gentleman-agreement" demasiado teórico. A segunda, é que esse mesmo cessar-fogo, afinal, poderia ter sido assinado há mais tempo, contornando-se assim os atalhos de Roma.

5. Não estando reunidas as condições técnicas para se assinar um acordo de cessar-fogo, não se despreza a hipótese de um outro acordo ser alcançado em Roma. Trêguas.

6. Trêguas até que as discussões técnicas do cessar-fogo sejam concluídas em Roma. Pode ser que este seja um presente envenenado para os moçambicanos, mas de qualquer maneira decretar trêguas num quadro como este, que representa Moçambique como o mais pobre país do mundo... Além disso, um momento de trêguas agora, sedimentaria o acordo já assinado entre o Governo moçambicano e a Renamo, no respeitante à ajuda humanitária e assistência às populações vítimas do conflito armado.

7. Já a pensar no país do pós-guerra, imaginemos um "plano Marshall" para Moçambique, que sem dúvida terá como epicentro os milhares de homens desmobilizados de ambas as partes. Porque não se pretende, de modo nenhum, acabar com uma guerra e começar com outra, porventura mais sangrenta do que esta.

8. Depois de excomungarmos os nossos pecados, partamos para a comunhão de uma nação. Não é sem tempo!